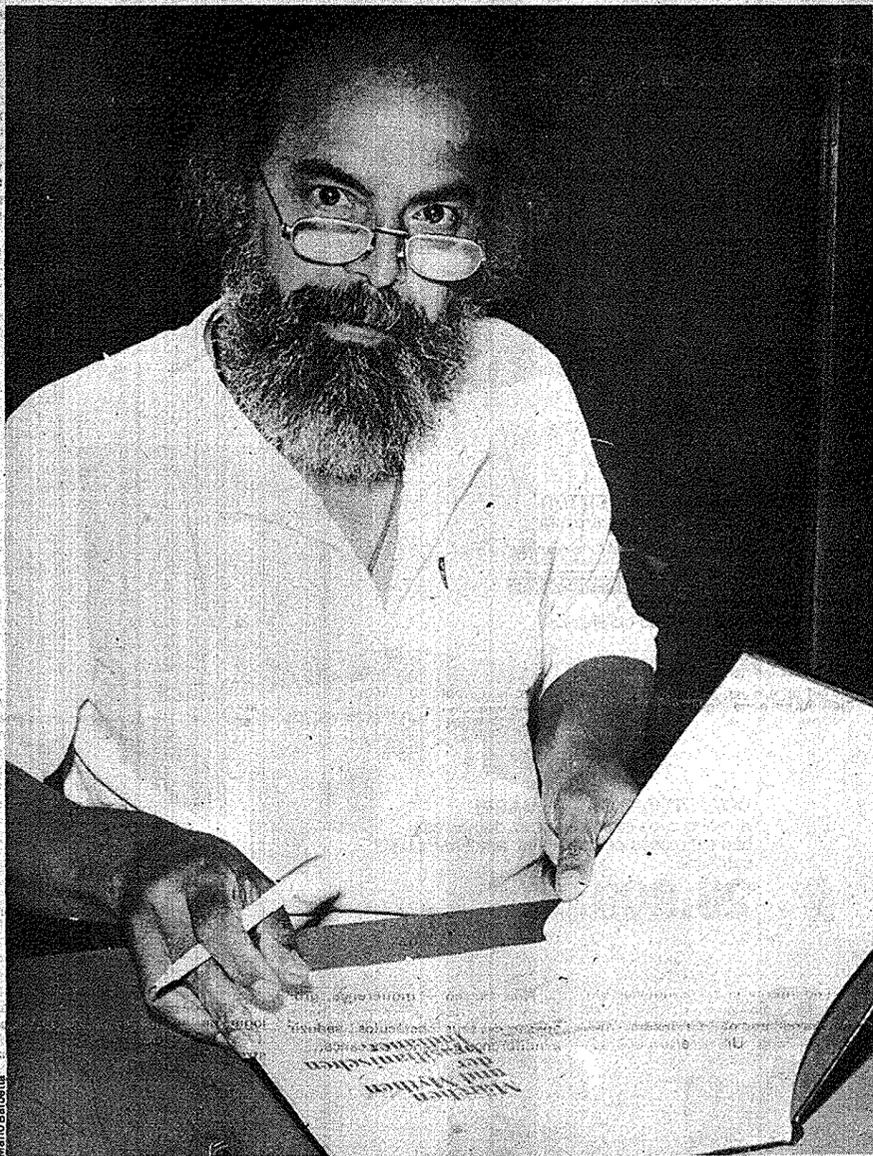


Alemanha abre espaço para índio brasileiro



Nesta obra, Waldemar ilustra deztoito lendas dos índios brasileiros, redigidas por Orlando Vilas Boas.

A cultura indígena no Brasil não tem perspectiva de sobrevivência, conclui Waldemar Andrade e Silva, ilustrador do livro "Marchen und Mythen der Brasilianischen Indianer" (Contos e Mitos dos Índios Brasileiros), editado na Alemanha. Na última semana, a obra foi lançada em Blumenau, no Elke Hering Atelier, registrando seu primeiro lançamento no Brasil. A noite de lançamento foi bastante disputada e contou com a presença do ilustrador e do indianista Orlando Vilas Boas.

Algo de despertar a atenção, a questão de uma obra que fala de índios brasileiros ser editada na Alemanha é explicada por Waldemar. Há 16 anos "pintando índios" e em contato direto com eles no Parque do Xingu, o ilustrador reuniu, num levantamento mais aprofundado, várias lendas indígenas. No Brasil não encontrou editoras interessadas em seu trabalho. Mas continuou trabalhando, chegando a expor suas pinturas em diversos países da Europa e também nos Estados Unidos. Através de Vilas Boas, Waldemar teve contato com a alemã Brigitte Goller, viúva de Rudi Goller, que conviveu com os índios do Xingu por um longo tempo. Ela, então, interessou-se pelo trabalho do artista brasileiro. Como estava interessada em realizar algo que mantivesse a memória de seu marido, Brigitte propôs-se a promover o trabalho de Waldemar, que em dois anos reuniu ilustrações para 18 lendas indígenas (19 com a capa). Apesar de não contar com distribuidores, a obra foi lançada na Alemanha, obtendo muito sucesso, chegando a esgotar sua primeira edição.

Como santo de casa não faz milagre, a não ser que vá para o exterior e torne seus milagres convincentes, Waldemar acredita que agora as editoras nacionais passem a ter interesse por seu trabalho. Acredita mesmo que o livro venha a ser editado no Brasil e em português.

Segundo o indianista Orlando Vilas Boas, que redigiu o livro, os primeiros cientistas que se dedicaram a fazer um estudo profundo sobre os índios brasileiros foram alemães, que se fascinaram com as declarações de padres e bandeirantes portugueses acerca de existência de antropófagos na América do Sul. Os primeiros trabalhos mais sérios sobre os indígenas brasileiros foram feitos pelos jesuítas, mas nada até ali tinha focado a cultura dos habitantes pré-cabralianos. Os índios brasileiros são hoje objeto de estudos de inúmeros sociólogos e antropólogos alemães, belgas e franceses, daí a importância de se lançar um livro sobre as lendas e mitos dos índios do Brasil escrito em alemão.

Mostrar a verdade: não "fazer bonitinho"

Tânia Rodrigues
Artista naïf (primitivo), Waldemar de Andrade e Silva teve seu primeiro contato com índios através de Orlando Vilas Boas, que conheceu durante uma mostra individual de suas pinturas no consulado americano, em São Paulo. O fato dele retratar figuras indígenas em suas obras, despertou a atenção do Indianista, que o convidou para conhecer o Xingu. "Até o contato direto com índios eu só pintava através de informações", diz Waldemar, que a princípio sentiu o pacto de conhecer outra cultura, não de perto. Mesmo tendo familiaridades com eles, o ilustrador é descendente de índios por parte de pai.

Fascinado "pelas coisas da cultura indígena", Waldemar colecionava artigos sobre índios. Irmão de Nelson de Andrade, um pintor já conhecido e bem conceituado em São Paulo, um dos líderes do movimento nativista, Waldemar visitava sempre exposições. Olhando quadros num museu, sentiu despertar sua sensibilidade artística. Muito ligado aos motivos indígenas, e com o incentivo de seu irmão, ele passou a pintar e a expor somente índios. Seus três primeiros quadros foram todos vendidos em sua primeira exposição, realizada juntamente com outros artistas, na praça da República.

Mostrando o índio como ele é
Em sua convivência direta com os índios do Xingu, ele pôde observar melhor o comportamento destes. Sua vida recreativa, religiosa, enfim, suas formas de viver. Com o tempo, Waldemar sentiu a necessidade de preparar uma literatura sobre os mitos dos índios e tornar seu trabalho mais completo.

Procurou editoras nacionais que pudessem, então, se interessar por seu trabalho. Ninguém se interessou. "Não existe interesse no Brasil de se mostrar o índio na sua realidade. Como ele vive de fato", comenta Waldemar, que não abriu mão de suas pesquisas, prosseguindo em seu trabalho.

De suas viagens ao exterior, realizando exposições é que pôde ter contato com pessoas interessadas no que ele trazia "de real sobre os índios brasileiros". Nesta livro, Waldemar não procurou "fazer bonitinho". Ao contrário, procurou um motivo que levasse as pessoas a se interessarem pela cultura do índio.

Waldemar acha que "devemos desmistificar essa coisa de mostrar o índio como uma sub-raça, como um animal nocivo", como há muito a história tem apresentado. "A história sobre os índios é mentirosa", diz Waldemar. Lembra que os Bandeirantes, quando matavam índios, gloriam-se diante do rei, impressionado com sua coragem por terem lutado com índios ferozes.

Para Waldemar, tudo isso é ridículo. "pois sabemos que os índios não eram assim. Lutavam para defender seu território que estava sendo invadido", afirma.

Outra coisa foi mostrar que o índio não servia para o trabalho, continua. "A raça indígena não é fraca, ao contrário, é de notável altivez. Por isso não se deixou escravizar, preferindo mesmo morrer", conta.

"A história não conta a verdade"
Sua intriga com os fatos mentirosos da história o levam a pesquisar mais profundamente as questões das lendas. Achando que elas também são desvirtuadas e deturpadas, Waldemar vai em busca de sua lógica. No livro, as lendas do baíjeflor, guaraná e irapuru, ele mesmo

levantou. Algumas, foi buscar no Pará, com uma senhora índia, camareira de um hotel. A conhecida lenda da Iara, Waldemar tenta explicar na sua forma que considera real: "Iara era uma bela índia que todas as tardes se banhava num rio. Um dia apareceram os Bandeirantes. Como estes não viam mulher há muito tempo, violentaram Iara. E eram muitos, que chegaram a matar a índia jogando-a no rio. Seu espírito então retorna e seduz os homens que chegam perto do rio, levando-os para dentro deste, de onde não retornam nunca mais".

Realmente para ele "a História não conta a verdade; só coisas bonitinhas. Um pouco da história verdadeira vem dos antropólogos alemães diz, "porque estes tinham interesse apenas em estudá-los".

Já o poder econômico desconsidera o índio, "tratando-o como se fosse bichinho, animalzinho irracional que se tira daqui e bota pra lá". E não é nada disso, garante. "Ele é como nós. Se gostamos de estar em nossa cidade, da mesma forma o índio tem apego pelo seu lugar. Quando sente que há escassez de animais para sua alimentação, ele vai para a frente, fazendo um círculo. Nesse processo, colabora com a natureza. Não elimina os elementos dos quais sobrevive, dando tempo para que os animais e as plantas se reproduzam. Desta forma ele mantém o equilíbrio ecológico".

"Índio não tem muita terra".

Quanto ao seu livro ter função didática, Waldemar considera a possibilidade. Inclusive tem projetos de realizar um trabalho para as crianças. Depois, partir para um trabalho mais aprofundado, a nível superior. Mas, sabe que para tanto existem dificuldades. "Não há interesse de se mostrar a cultura indígena para o estudante". Ele acha que há um propósito de primeiro deixar que o índio desapareça, para depois apresentar-se o que ele foi e o que isso representou na história. "Senão — acredita Waldemar — as pessoas

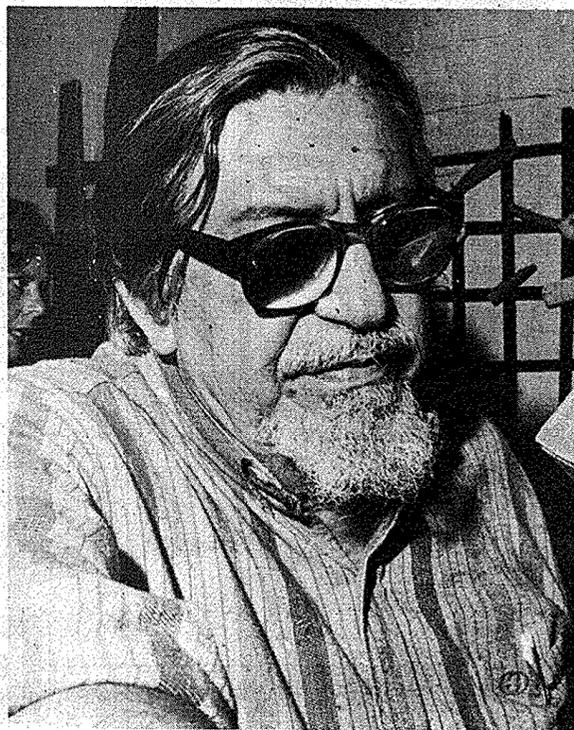
se vogam em favor de sua causa (do índio). Há um temor em meio ao poder econômico. O que acontece no interior do Brasil não se fica sabendo." Segundo o artista "Índio não tem muita terra e quem está a seu favor não é bem visto". E lembra que, muitos anos atrás, Orlando Vilas Boas foi proibido de receber um prêmio na Inglaterra. "Mandaram que ele inventasse uma desculpa".

Os desmatamentos na mata amazônica são constantes, alerta Waldemar. "Estão desalojando índios e animais, deixando capim e areia. Num lugar onde tinha 300 índios, se coloca três pedras para cuidar de gado". O argumento desse pessoal, diz Waldemar, é que o País precisa de alimento e riqueza. "Como, se a Alemanha, que tem a metade do estado de São Paulo, tem alimento para todo mundo?". Indaga.

A quantidade de terra para o índio não pode ser pequena, "muito menos poluída". E o que ele quer é somente ficar em paz. "Mas estão acabando com ele, dando tudo o que ele quer". Para Waldemar esta política é errada e só faz tornar o índio figura antipática, desprezável. "Hoje se faz o índio gostar de dinheiro, põem avião para ele ir onde quiser". E isso, acredita Waldemar "é o fim da cultura indígena".

Quando um índio vem para a cidade, Waldemar faz questão de lhe mostrar as favelas, leva-o para debaixo dos viadutos, a fim de que ele não se iluda, vendendo suas terras em busca de dinheiro e conforto nas cidades. Procurando impedi-lo de "ser mais um desajustado".

Lembra que uma vez um índio estando com ele na cidade, viu um homem trabalhando na construção de um prédio, e perguntou se ele tinha uma família muito grande, pois estava construindo "uma casa grande". Waldemar explicou que ele estava trabalhando na construção de um prédio, mas que não era para ele e sua família. O índio ficou surpreso. "E que índio não trabalha para os outros".



Para Vilas Boas, a política indígena brasileira é errada.

Uma dívida que jamais será resgatada

Quando André Vicente Gouvêa usou se fala em índios, a primeira coisa que vem à mente são os famosos Apaches, Navajos ou Comanches dos "Westerns", cheios de cocares, cujas penas representam os brancos mortos nas batalhas. Quando se fala em índio brasileiro, vem logo na cabeça a imagem do Mário Juruna com o seu gravador nas cadeiras da Câmara dos Deputados. Mas ninguém, ao pensar ou falar nos índios, lembra da grande dívida que o Brasil tem com esses chamados habitantes pré-cabralianos, ou no nosso caso, "pré-cabralianos". O que queriam esses Navajos, Apaches, Guaranis, Tupys e Tupinambás que matavam os brancos? Nada, senão defender o seu território, que dia após dia estava sendo invadido, queriam também defender a sua cultura, hoje quase desaparecida.

O indianista Orlando Vilas Boas entende que o Brasil tem com os índios uma dívida que nunca será paga, não importa qual seja a política da Fundação Nacional do Índio. Hoje se dá às tribos amazônicas tudo o que elas desejam, mas nada do que é realmente preciso. A política indígena brasileira é dar aos índios roupas, alimentos e objetos sem qualquer utilidade prática para um povo cuja cultura tem outra concepção. Tudo isso, só faz aumentar a dívida,

toda a sua cultura, seu território, o estilo de vida que levaram até o início da colonização pelos portugueses. Para Vilas Boas, nem mesmo a Constituinte está sendo capaz de, pelo menos, melhorar a situação do indígena. Pela atual Constituição, o índio é relativamente capaz, sendo-lhe vetado o direito ao voto. Mas o pior vem com a futura Carta, que coloca o índio na mesma condição do negro, do homossexual, do presidente e do excepcional, o que é um absurdo, pois cada um desses grupos tem uma realidade diferente.

Uma outra cultura

O mundo dos índios brasileiros é completamente diferente do que se possa imaginar, é um mundo mítico, onde tudo gira em torno de uma energia cósmica, que controla a natureza, controla os espíritos e o comportamento dos habitantes das aldeias. As concepções culturais das tribos amazônicas, mais especificamente do rio Xingu, onde Vilas Boas passou trinta anos, são inteiramente diferentes das nossas.

O índio é um ser individual que faz parte de um sistema coletivo. Vilas Boas comparou-o a um pacote de pregos, onde o prego que está separado cumpre a sua função isoladamente. Entre os índios não existe discriminação de sexos, mas cada um tem o seu papel específico den-

tro da aldeia, por exemplo, o homem não cozinha nada, pois carregar e mexer com água para cozinha é função única de mulher. Já a mulher não assa nada, pois cabe ao homem trazer lenha e acender o fogo para o assado.

Outra característica interessante do comportamento social dos índios é a cobrança das atividades corretas entre o homem e a mulher. Caso a esposa não tenha cozido o peixe corretamente, o marido reclama ao pajé da tribo, que reúne todas as mulheres da aldeia para que seja feita a reprimenda coletiva. Do contrário, se o homem tem trazido caça de má qualidade, ou tem errado suas flechadas com frequência, as mulheres recorrem ao pajé para que ele dê o castigo coletivo cabível, que nos dois casos consiste em flagelação e sangramento das costas.

Os índios explicam sua origem de mesma forma que os brancos, pelo mito. Segundo as lendas, o criador esculpiu em madeira doze modelos, seis de homem com madeira escura e seis de mulher com madeira clara. O criador passou uma noite inteira invocando os espíritos para que trouxessem os bonecos à vida. O sol do dia seguinte é que, com sua energia trouxe ao mundo as doze esculturas, que se transformaram na origem de todas as tribos indígenas das Américas. Esse ritual é repetido todos os anos nas aldeias, recebendo o nome de Quarupe, que quer dizer ficar ao sol para extrair sua energia. O costume de colocar a roupa no varador deriva desse ritual.

Por que o índio não se escravizou? Muita gente justifica o fato do índio não ter servido como escravo — daí a substituição pelo negro — por, ser fraco e doente. Orlando Vilas Boas desmente essa hipótese. O índio é saudável e forte, mas não permite que sua liberdade seja tirada à força, ele raramente luta, mas sua depressão chega a tal ponto que ele mesmo provoca sua morte por inanção. Isso acontece até hoje. O indígena não gosta de ser forçado a tomar atitudes que venham contra o seu estilo de vida. A saúde é sagrada para os índios, tanto quanto as criaturas e plantas da floresta. Uma característica importante é que os índios não fazem necessidades fisiológicas nos cursos d'água e tomam de cinco a seis banhos por dia. Outro fato curioso, é que a grande preocupação do índio é com o odor das axilas, caso sintam mal cheiro, na mesma hora procuram um rio, onde podem tomar banho. O cheiro natural do índio é do urucum, substância que dá a cor vermelha às suas vestes, cabelos e pinturas, extraída das cascas de uma árvore existente na Amazônia.



No lançamento, em Blumenau, a presença do cônsul da Alemanha.